

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DA "PRÉ- HISTÓRIA": RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

COMICS IN TEACHING OF "PRE-HISTORY": EXPERIENCE REPORT

Geraldo Magella de Menezes Neto²

RESUMO: O ensino da "Pré-história" apresenta-se como um desafio para os professores no ensino fundamental, já que um tema de difícil compreensão para alunos que estão numa fase de transição das chamadas séries iniciais para a fase maior do ensino fundamental. O objetivo deste trabalho é discutir o uso de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático para o ensino da "Pré-história". A partir da leitura da bibliografia e de um relato de experiência de uma atividade desenvolvida em sala de aula pretende-se sugerir caminhos para o trabalho com as HQs como um meio para auxiliar os alunos na compreensão da "Pré-história", em temas como as teorias da origem do homem e as diversas espécies humanas.

Palavras-chave: Ensino de História. Histórias em quadrinhos. "Pré-história".

ABSTRACT: The teaching of Prehistory presents itself as a challenge for teachers in elementary school, because is a difficult theme to understand for students who are in a transitional phase calls for the early grades of elementary education major phase. The objective of this paper is to discuss the use of comics as a didactic resource for teaching Prehistory. From reading the literature and a report of an experience with an activity developed in the classroom is intended to suggest ways to work with the comics as a means to assist students in understanding the prehistory, themes and theories the origin of man and the various human species.

Keywords: History Teaching. Comics. Prehistory.

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na 11ª Mostra de Saberes da SEMEC/II Colóquio de Educação da Região Metropolitana de Belém, realizados em Belém-PA, nos dias 05 e 06 de dezembro de 2013.

² Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do curso de Licenciatura em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Professor do ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Belém-PA, distrito Mosqueiro.

Introdução

O ensino da “Pré-história” é um dos desafios do professor de História do ensino fundamental. Tema geralmente trabalhado nas turmas de 5ª série (6º ano), a “Pré-história” se mostra um tema de difícil compreensão para alunos de 10, 11 ou 12 anos, que estão numa fase de transição das chamadas séries iniciais para a fase maior do ensino fundamental, já que é um tema que trabalha sobretudo com o abstrato.

Desse modo, algumas questões se apresentam no exercício da docência do professor de História do ensino fundamental: como trabalhar a “Pré-história”? Qual conteúdo referente ao tema selecionar para trabalhar com os alunos? Que tipo de metodologia e fontes utilizar para auxiliar a compreensão do aluno? Como tornar o conteúdo da “Pré-história” significativo ao aluno?

O presente artigo objetiva apontar alguns caminhos que possam auxiliar no ensino de História. Para tal, propõe-se o uso das histórias em quadrinhos (HQs)³ como recurso didático no ensino da “Pré-história”. Longe de ver os quadrinhos como uma espécie de “solução mágica” para todas as dificuldades enfrentadas pelos professores de História, este texto pretende chamar a atenção das potencialidades das HQs no trabalho docente com os alunos do ensino fundamental. Para não ficar apenas na teoria, o artigo também relata uma experiência do uso de HQs no ensino da “Pré-história” na sala de aula.

Em primeiro lugar, é importante referirmos sobre algumas discussões acerca da “Pré-história”.

1. A “Pré-história”: discussão sobre o termo e o ensino

O que é a “Pré-história”? É o que não é história, ou o que vem antes da história? Tal conceito aparece revestido de vários sentidos comuns e torna-se necessário esclarecê-lo.

O conceito de “Pré-história” foi elaborado no século XIX, definido como o campo de estudos do passado mais remoto da humanidade, desde o seu

³ O termo histórias em quadrinhos será utilizado também como “HQs” ou “quadrinhos” no decorrer do texto.

surgimento até o aparecimento da escrita no Egito e na Mesopotâmia há cerca de 3000 a 2000 a.C. (SILVA; SILVA, 2013, p. 342). Desde então, a escrita aparece como o objeto delimitador do que seria a “Pré-história” e a História. A invenção da escrita representaria dessa forma o início da História. No entanto, conforme apontam Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, essa compreensão do conceito de “Pré-história” tem dois sérios problemas:

O primeiro é o fato de que a escrita não surgiu em todos os lugares ao mesmo tempo, o que torna essa divisão temporal bastante arbitrária. O segundo é o etnocentrismo resultante do ato de considerar apenas a escrita, um elemento cultural restrito a determinadas culturas, como o fator determinante de quem se situa na história e de quem se situa fora dela. (SILVA; SILVA, 2013, p. 343).

De fato, a observação acima é bastante relevante. No século XIX, quando o conceito de “Pré-história” foi elaborado, havia a compreensão de que as únicas fontes históricas válidas eram as fontes escritas, como apontavam os historiadores da chamada escola metódica ou positivista. Assim, os povos que não utilizavam a escrita eram vistos como povos sem história, chamados pejorativamente de povos que viviam na “Pré-história”.

Já no século XX, com a renovação historiográfica propagada principalmente pela chamada Escola dos Annales, com Marc Bloch e Lucien Febvre, o conceito de fonte histórica se amplia, considerando tudo o que se relaciona ao homem como objeto de estudo do historiador. Assim, as fontes arqueológicas, por exemplo, são utilizadas para se conhecer como viviam os povos sem escrita: restos de cerâmica, urnas funerárias, pinturas rupestres, etc.

Mesmo reconhecendo as limitações do termo “Pré-história”, optamos neste trabalho por utilizá-lo, haja vista a ampla divulgação do mesmo na pesquisa e no ensino de História, notadamente nos livros didáticos da disciplina. Problematicando o termo e entendendo o contexto no qual ele foi gerado, não corremos o risco de reproduzir preconceitos.

Outra confusão comum é entre a relação entre a “Pré-história” e ciências como Arqueologia e Paleontologia. André Prous esclarece sobre a definição desses e de outros campos de conhecimento:

É frequente as pessoas confundirem-se quando se trata de definir as relações entre disciplinas conexas como Arqueologia, História, Pré-História, Paleontologia, etc. A Paleontologia é o ramo da Biologia (estuda as formas de vida) que trata dos seres (vegetais, animais ou homens) extintos; preocupa-se, portanto, essencialmente com os *corpos*. A História tem por objeto de estudo as sociedades, numa perspectiva diacrônica, abordando essencialmente as que possuem escrita. As sociedades sem escrita do passado são, pois, o campo da Pré-História, enquanto as culturas dos povos ágrafos atuais ou recentes são principalmente investigadas pela Antropologia Cultural. (PROUS, 2000, p. 19).

André Prous destaca uma relação profunda entre “Pré-história” e Arqueologia, já que os pré-historiadores “têm de dispor de métodos específicos para estudar os vestígios materiais fornecidos pela Arqueologia”, pois esta possui um conjunto de métodos e técnicas que permite “localizar, analisar e interpretar os indícios materiais da presença e da atividade dos homens no seu quadro natural e artificial. (PROUS, 2000, p. 19).

Avançando no tema da “Pré-história”, tratamos agora das discussões sobre ela no ensino. Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noelli chamam a atenção para a pouca atenção dada ao tema da “Pré-História” no Brasil:

Em cursos superiores de História e Antropologia, raros são os cursos de Pré-História, tanto por faltarem estudiosos, como por falta de tradição em contratar professores para essas áreas, ainda que haja um grande interesse por parte dos estudantes universitários. Essas deficiências refletem-se no pouco conhecimento do tema por parte dos professores de ensino fundamental e médio e no escasso espaço dedicado, em livros didáticos, aos temas pré-históricos. Também nesse caso, não é difícil constatar que o grande interesse dos alunos pelo tema acaba insatisfeito pela falta de informações. (FUNARI; NOELLI, 2012, p. 106).

Concordamos com Funari e Noelli quando constatarem as deficiências em relação à pesquisa e ao ensino da “Pré-História” no Brasil. De fato, o tema é tratado na maioria das vezes de forma bastante rápida nos cursos superiores. Além disso, há poucas pesquisas sobre a “Pré-História” em comparação com outros temas. E raras são as pesquisas sobre o ensino da “Pré-História” no ensino fundamental.

Em relação ao que Funari e Noelli apontam como o “escasso espaço dedicado, em livros didáticos, aos temas pré-históricos”, é mais relevante se questionar não o espaço que a “Pré-história” ocupa nos livros didáticos, até

porque é impossível tratar todos os temas da História num livro, mas o modo como eles abordam o tema.

Um dos poucos trabalhos sobre o ensino da “Pré-história” é o texto de Isabel Cristina Rodrigues e Márcia Cristina Marinoci intitulado *A Pré-História do Brasil nos livros de História para 5ª a 8ª séries do ensino fundamental*, do ano de 2003. As autoras analisaram livros didáticos de História destinados ao terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries – das coleções recomendadas pelo Plano Nacional do Livro Didático para 2002 (PNLD/2002) do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Rodrigues e Marinoci apontam que “apesar de se ter reservado nos livros didáticos um capítulo sobre a Pré-História”, observa-se que esses conhecimentos pré-históricos são transmitidos “sem uma preocupação em estabelecer uma relação com as experiências do aluno, deixando de lado a sua capacidade de reflexão.” (RODRIGUES; MARINOCI, 2003, p. 2).

Além disso, Rodrigues e Marinoci identificam que na maioria dos livros o enfoque central dado à “Pré-História” é num sentido “generalizante, fantasioso, ficcional”. (RODRIGUES; MARINOCI, 2003, p. 2).

Assim como Funari e Noelli, Rodrigues e Marinoci sugerem que as deficiências na abordagem do tema da “Pré-história” na sala de aula e nos livros didáticos são originárias da pouca atenção dada a ela no ensino superior. Segundo as autoras, as instituições de ensino superior colocam todos os anos no mercado muitos profissionais que vão atuar na área de História nas escolas de ensino fundamental e médio, das redes pública e particular de todo o Brasil, “mas muitos deles não tiveram ou tiveram pouco acesso às bibliografias especializadas de Arqueologia Histórica ou Pré-Histórica em sua vida acadêmica.” (RODRIGUES; MARINOCI, 2003, p. 4).

Nesse sentido, Rodrigues e Marinoci afirmam que:

é preciso considerar que “talvez” o problema mais sério não esteja na simplificação ou generalização dos livros didáticos, mas na ausência da própria historiografia brasileira, que não possui uma produção sistemática nessa área. (RODRIGUES; MARINOCI, 2003, p. 7).

Entretanto, questionamos o argumento de Rodrigues e Marinoci, assim como o de Funari e Noelli, que afirmam que a falta de cursos e estudiosos nas

universidades geram o “pouco conhecimento do tema por parte dos professores de ensino fundamental e médio”. (FUNARI; NOELLI, 2012, p. 106). Isso nos dá a ideia de que a universidade é o único centro de saber e conhecimento, e que só a produção científica das instituições superiores basta para garantir um ensino de qualidade nas escolas - no nosso caso específico o ensino da “Pré-história”. Ora, mesmo se a “Pré-História” tivesse a mesma atenção que os outros temas da História, isso não significa que necessariamente ela fosse trabalhada de forma satisfatória nas escolas. Isso depende fundamentalmente da preparação e da criatividade do professor, que tem o desafio de tornar a sua aula mais atraente e compreensível para alunos que, na 5ª série, por exemplo, tem em média, 10 a 12 anos de idade. Dessa maneira, sugerimos que o uso das histórias em quadrinhos pode ajudar o professor no ensino da “pré-história” no ensino fundamental.

2. História em quadrinhos: o que são e o seu uso no ensino

Antes de tratarmos das HQs que podem auxiliar o professor nas aulas sobre a “Pré-história”, em primeiro lugar devemos entender o que são histórias em quadrinhos. Flávio Calazans afirma que a HQ é “uma forma de expressão tecnológica típica da indústria cultural”, permitindo que seus autores “expressem questões científicas, filosóficas e artísticas sem patrulhamentos”. (CALAZANS, 2008, p. 7).

Já Paulo Ramos define a HQ como uma “linguagem autônoma”, que usa “mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.” (RAMOS, 2012, p. 17). As HQs possuem vários tipos de suportes: jornais, revistas, internet, etc. Paulo Ramos assim descreve a narrativa dos quadrinhos:

O espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto. (RAMOS, 2012, p. 18).

Uma compreensão bastante comum é dizer que os quadrinhos são literatura.⁴ Tal ideia vem recebendo críticas dos pesquisadores nos últimos anos, como Paulo Ramos, que critica a associação entre quadrinhos e literatura:

Chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive a infantil) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário. (RAMOS, 2012, p. 17).

O próprio governo federal, por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)⁵, associa as histórias em quadrinhos à literatura. Ao analisarem os editais de licitação para a compra de livros de HQs, Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, apontam que “o governo vê os quadrinhos como gêneros literários”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 17). Essa compreensão é expressa na lista de obras adquiridas pelo governo desde 2006, que conta com várias adaptações literárias na forma de quadrinhos, a exemplo de: *Oliver Twist*, de Charles Dickens; *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *O alienista*, de Machado de Assis; *Os Lusíadas em quadrinhos*; *Dom Quixote em quadrinhos*, etc. Sobre isso, Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos afirmam que:

Dizer que quadrinhos são literatura evidencia duas posturas. A primeira é que se busca um rótulo social e academicamente prestigiado – o literário – para justificara presença dos quadrinhos na escola e, possivelmente, na lista do PNBE. A outra indica um desconhecimento da área de quadrinhos, que soma poucos estudos acadêmicos, embora em número suficiente para afirmar que quadrinhos são quadrinhos e literatura é literatura. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 36).

⁴ Em 2011, por exemplo, o quadrinista Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, foi eleito membro da Academia Paulista de Letras (APL), sendo o primeiro quadrinista empossado pela Academia. Na ocasião, o presidente da Academia Antonio Penteado Mendonça afirmou que “Mauricio é, sim, um escritor”, de certa forma justificando que os quadrinhos produzidos por Maurício de Sousa também são literatura. “Mauricio de Sousa toma posse na Academia Paulista de Letras.” *Portal Folha.com* Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/915165-mauricio-de-sousa-toma-posse-na-academia-paulista-de-letras.shtml>> Acesso em: 24 nov. 2013.

⁵ O objetivo do PNBE é permitir aos estudantes o acesso à cultura e à informação e estimular o hábito pela leitura. Para isso, o governo abre licitação junto às editoras para montar lotes de obras a serem distribuídas nas escolas brasileiras. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 12).

Seguindo na mesma direção que Vergueiro e Ramos, Marco Túlio Vilela afirma que a discussão sobre se as HQs são ou não uma forma de literatura “já foi superada, pelo menos para os pesquisadores brasileiros.” Enquanto nos Estados Unidos, ainda há autores que consideram as HQs uma forma diferenciada de literatura, “no Brasil, a visão predominante atualmente é outra: HQ não é literatura, mas uma linguagem autônoma.” (VILELA, 2012b, p. 54).

As HQs sofreram durante muito tempo preconceito por parte de pais e professores sobre o efeito que elas poderiam causar nas crianças e jovens. Waldomiro Vergueiro afirma que pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, “supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras ‘mais profundas’, desviando-os assim de um amadurecimento ‘sadio e responsável’.” Assim, “a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições.” (VERGUEIRO, 2012, p. 8).

Já nas últimas décadas do século XX as HQs passaram a ter um novo *status*, “recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias.” (VERGUEIRO, 2012, p. 17). Nesse sentido, os quadrinhos passaram a ser vistos como recursos didáticos para a sala de aula.

Marco Túlio Vilela sugere dois fatores para o maior interesse hoje dos educadores pelo uso didático das HQs:

Em primeiro lugar o fato de que as gerações mais jovens de professores são formadas por adultos que leram HQs durante a infância e adolescência. O outro fator é que as HQs passaram a ser vistas como uma opção de leitura como forma de combater o uso excessivo dos videogames por parte das crianças e adolescentes. (VILELA, 2012b, p. 89).

As HQs trazem várias vantagens que auxiliam o professor no ensino. Waldomiro Vergueiro enumera algumas delas: os estudantes querem ler os quadrinhos; palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; o caráter elíptico da linguagem

quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar; os quadrinhos têm um caráter globalizador; os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. (VERGUEIRO, 2012, pp. 21-25).

Os quadrinhos apresentam também um amplo potencial para o ensino de História. Túlio Vilela aponta algumas maneiras de utilização das HQs nas aulas de História: “Para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado”; “para serem lidos e estudados como registros da época em que foram produzidas”; “para serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História”. (VILELA, 2012, pp. 109-110).

3. A “Pré-história” em quadrinhos

Na dissertação de mestrado intitulada *A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites*, Marco Túlio Vilela destaca como a “Pré-história” é representada nos quadrinhos. Segundo Vilela, “existem muitas HQs que são ambientadas durante a Pré-História”, sendo que a maior parte delas “traz representações anacrônicas, mas essas podem ser úteis no ensino de História”. (VILELA, 2012b, p. 158). O anacronismo é bastante presente, por exemplo, nas histórias que envolvem homens e dinossauros convivendo juntos. Tal fato não ocorreu, já que quando os primeiros humanos apareceram na Terra os dinossauros já estavam extintos há milhões de anos.

Além do anacronismo, as HQs que são ambientadas na “Pré-história” trazem alguns estereótipos popularizados pela ciência do século XIX, tais como: o estereótipo de “homem das cavernas”; o estereótipo de “mulher das cavernas”; e a representação negativa dos chamados homens de Neanderthal. Segundo Vilela, a maioria das HQs ambientadas na “Pré-História” tem como protagonistas os chamados “homens das cavernas”, que são retratados “como indivíduos cabeludos e barbudos, vestindo tangas ou restos de peles de animais, e usando clavas.” (VILELA, 2012b, p. 165). Um exemplo clássico desse “homem das cavernas” é o personagem *Piteco*, da *Turma da Mônica*, criação do quadrinista Maurício de Sousa.

Quanto às “mulheres das cavernas” nos quadrinhos, estas “possuem um tipo de aparência que se encaixa muito mais nos padrões de beleza feminina difundidos pelo cinema de maior apelo comercial e pelas revistas masculinas”. (VILELA, 2012b, p. 167). Alguns exemplos desse clichê são *Jane*, o par romântico de *Tarzan*, nas várias versões em diferentes mídias (livros, quadrinhos, filmes...), e *Sheena*, a “rainha das selvas”, personagem de quadrinhos que também ganhou versões para o cinema, criada pelo norte-americano Will Eisner. (VILELA, 2012b, p. 167).

Marco Túlio Vilela sugere que as HQs cujos protagonistas são homens das cavernas ou animais pré-históricos se dividem basicamente em dois grupos: “as que utilizam os anacronismos para provocar o efeito de humor e as que utilizam os anacronismos para narrar uma aventura de forte apelo visual.” (VILELA, 2012, p. 168). Vilela assim explica o uso dos anacronismos nessas HQs:

Os anacronismos presentes em HQs ambientadas na Pré-História são muito mais uma “licença poética” do que erros propriamente ditos. Afinal, essas HQs são obras de ficção, de fantasia, produzidas para fim de entretenimento. Não se tratam reconstituições com fins didáticos ou de divulgação científica. Essas HQs reúnem elementos, que embora anacrônicos, possuem mais apelo comercial junto ao grande público do que teria uma obra que priorizasse a autenticidade em detrimento da fantasia, da aventura ou do humor. (VILELA, 2012b, pp. 168-169).

A partir dos estudos de Vilela, podemos considerar que há várias histórias em quadrinhos que tem a “Pré-história” como pano de fundo. Cabe então ao professor o desafio de buscar essas HQs e propor atividades de acordo com a série e a faixa etária dos alunos.

4. HQs no ensino da “Pré-história”: relato de experiência

Nesta parte final do artigo iremos relatar uma experiência de uso das HQs no ensino de História. As atividades com HQs foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2013 nas turmas de 5ª série (6º ano) da Escola Municipal Professor Remígio Fernandez, localizada em Belém do Pará, no distrito de Mosqueiro.⁶ Em

⁶ Mosqueiro é um distrito de Belém, distante cerca de 70 km da capital paraense.

um breve diagnóstico das turmas realizado antes das atividades, constatamos que quase todos os alunos conheciam histórias em quadrinhos e vários tinham o hábito de leitura de HQs. Quando perguntamos quais HQs os alunos liam, a maioria respondeu a *Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa.

Tendo em vista tais informações, procedemos a um levantamento de quais histórias em quadrinhos poderíamos utilizar nas aulas sobre a “Pré-história”. Para tal, levamos em conta o que sugere Circe Bittencourt em relação ao uso de documentos no ensino de História: na escolha de documentos “é necessário lembrar que eles devem ser motivadores e não se podem constituir em texto de leitura que produza mais dificuldades do que interesse e curiosidade”. O objetivo, segundo Bittencourt, é “favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais.” (BITTENCOURT, 2004, p. 330).

Ao reforçar a necessidade da leitura na sala de aula, Vitória Rodrigues e Silva chama atenção de que é fundamental que o professor esteja seguro para o fato de que os alunos possuem “os conhecimentos prévios que viabilizem a atividade, e que a definição do problema a ser resolvido por meio da leitura lhes seja significativa, isto é, represente de fato um problema para o aluno e não apenas para o professor.” (SILVA, 2004, p. 80). Dessa maneira, antes de utilizarmos os quadrinhos, trabalhamos primeiramente o conteúdo com os alunos, pois as HQs só teriam significado para eles se já tivessem um conhecimento prévio do assunto, ou seja, a “Pré-história”.

Decidimos trabalhar com HQs para auxiliar os alunos a compreender alguns temas da “Pré-história”, como as diferenças entre a teoria criacionista e evolucionista da origem do ser humano, e as diversas espécies humanas.

A teoria criacionista, baseada na Bíblia Sagrada, no Livro de Gênesis, aponta que o homem foi criado por Deus⁷; já a teoria evolucionista⁸, baseada

⁷ “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” Gênesis 1:26-27. *Bíblia online*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>> Acesso em: 22 nov. 2013.

⁸ Segundo Diogo Meyer e Charbel Niño El-Hani, a ideia básica do evolucionismo é a de que “o estado natural de todas as coisas que existem no mundo é a mudança. A permanência, quando ocorre, é uma exceção. As teorias de evolução biológica propõe, portanto, que os seres vivos não são imutáveis: aqueles que são vistos atualmente nem sempre existiram, nem sempre tiveram a mesma forma e nem sempre existirão.” (MEYER; EL-HANI, 2005, p. 18).

principalmente na obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin (1809-1882), publicada em 1858, aponta que o homem descende dos primatas a partir de um processo de evolução.⁹

Um recurso interessante neste tema são as tiras cômicas¹⁰ do site "Um sábado qualquer", criadas pelo ilustrador Carlos Ruas.¹¹ As tiras de Ruas abordam de maneira cômica Deus, Adão e Eva, além de outros personagens ocasionais, tratando dos problemas da humanidade.



Figura 1: "Darwin 4" *Um sábado qualquer*. Disponível em: <<http://www.umsabadoqualquer.com/80-darwin-4/>> Acesso em: 22 nov. 2013.

⁹ Uma das grandes inovações introduzidas por Darwin foi a ideia de que a evolução não é um processo linear, mas um processo de divergência a partir de ancestrais comuns. Duas espécies semelhantes seriam descendentes de uma única espécie que teria existido no passado. Desde sua origem a partir desse ancestral comum, elas teriam divergido, dando origem às diferenças que vemos. (MEYER; EL-HANI, 2005, pp. 24-25).

¹⁰ Utilizamos o termo "tira cômica" a partir das concepções de Paulo Ramos. Para Ramos, a tira cômica é um dos gêneros das histórias em quadrinhos, tendo como característica "a temática atrelada ao humor", além de tratar-se de "um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final." RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 24.

¹¹ Carlos Ruas é *designer* gráfico. A inspiração para criar as tiras de "Um sábado qualquer" é explicada por ele da seguinte maneira: "Sempre gostei de estudar religiões e mitologia, era um *hobbie*. Comecei a notar a facilidade que eu tinha em criar humor com esse tema quando estava na mesa de bar conversando com amigos. Como sou ilustrador, resolvi criar o meu quadrinho, baseado em fatos religiosos. A ideia veio naturalmente, pensando... No começo queria fazer um messias que ninguém acreditava, e era o verdadeiro! Mas depois cheguei a conclusão que ninguém será melhor que Deus para o personagem principal." Ver "Entrevista Carlos Ruas, por Fernando Passarelli." Disponível em: <<http://deusnogibi.dominiotemporario.com/doc/ENTR-RUAS.pdf>> Acesso em 19 nov. 2013.

As tirinhas acima representam um diálogo entre Deus, o personagem barbudo com uma roupa amarela, e Charles Darwin, o personagem também barbudo, mas com roupa preta. Trata-se de um diálogo com ações: Deus segura um pequeno pássaro vermelho e o transforma em um pássaro grande que voa. Em seguida, Deus desafia Darwin a fazer o mesmo com a frase “Faça melhor!”.

Já nos quadrinhos da parte de baixo, Darwin segura um pequeno pássaro verde e o coloca no chão. O humor da tirinha se dá no último quadrinho: como o pássaro de Darwin não se transforma rapidamente como o pássaro de Deus, este pergunta: “Vai demorar muito?”. Darwin responde: “Não não, só mais alguns milhares de anos”. O efeito de humor pressupõe certo conhecimento das duas teorias. Para a teoria criacionista, Deus criou as aves no quinto dia da criação.¹² Já a teoria evolucionista considera que as aves foram produto de uma evolução a partir dos répteis, processo este que durou milhões de anos.¹³

As tirinhas de Carlos Ruas ajudaram os alunos a entender as diferenças entre a teoria criacionista e evolucionista. A pergunta que orientou a atividade foi: por que Charles Darwin disse a Deus que o seu pássaro só iria evoluir em milhares de anos? O último quadrinho foi a chave para que os alunos buscassem identificar o que era a teoria da evolução e diferenciá-la da teoria criacionista. A partir daí pudemos também estabelecer uma conexão com as diferenças entre a criação do homem por Deus, segundo a teoria criacionista, e a ideia de que o homem evoluiu dos primatas num processo de milhões de anos, segundo a teoria evolucionista.

A teoria criacionista é mais fácil de entender, haja vista que a maioria dos alunos é de religião cristã. No entanto, para quase todos os alunos a teoria da

¹² “E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.” Gênesis 1:20-23. *Bíblia online*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>> Acesso em: 22 nov. 2013.

¹³ “As aves evoluíram a partir dos répteis e muitas modificações ocorreram para que elas conquistassem todo esse modo de vida. Os ovos passaram a se desenvolver fora do corpo da fêmea, aparecimento de penas, os membros anteriores deram origem à asas, a excreção nitrogenada é o ácido úrico, num composto pastoso para economizar água, perda da bexiga, endotermia, separação da circulação venosa e arterial, sacos aéreos que ajudam na diminuição da densidade e dissipam calor, corpo aerodinâmico e elaboração da voz e da audição.” *As Aves. Portal Só Biologia*. Disponível em: <<http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Reinos3/Aves.php>> Acesso em 22 nov. 2013.

evolução era uma novidade. Desse modo, o trabalho com os quadrinhos se mostrou de mais fácil compreensão para os alunos do que os textos escritos para entender as duas teorias.

Outra atividade desenvolvida com os alunos da 5ª série foi a produção de uma HQ. Túlio Vilela sugere que o professor também pode estimular a produção de histórias em quadrinhos pelos próprios alunos. No entanto para que não se perca a especificidade da disciplina História, deve-se “propor a criação de histórias em quadrinhos que explorem os conteúdos específicos da disciplina ou pertinentes ao assunto da aula.” (VILELA, 2012, p. 128).

Desse modo, propusemos a produção de uma HQ baseada na teoria criacionista. Para tal, trabalhamos com os alunos primeiramente a leitura dos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis. Após a leitura dos dois capítulos, dividimos os alunos em duplas e solicitamos que produzissem desenhos divididos em quadrinhos representando os seis dias da criação do mundo por Deus. Outra instrução dada foi que cada quadrinho tivesse uma legenda indicando qual a criação de Deus em cada dia, baseado na leitura dos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis. Seguem abaixo alguns dos desenhos produzidos pelos alunos.

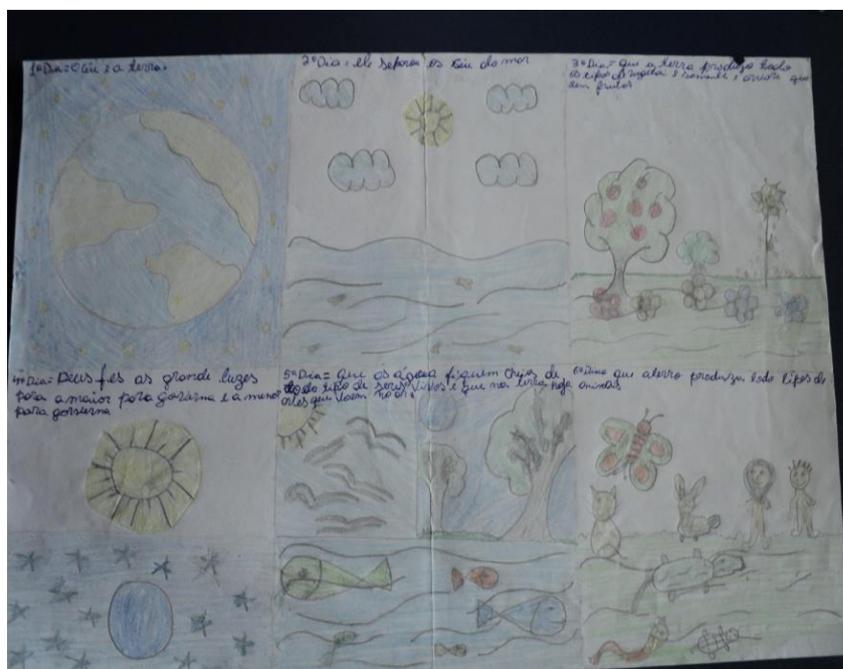


Figura 2: História em quadrinhos produzida por alunos da 5ª série representando a criação do mundo segundo a teoria criacionista. Acervo pessoal do autor.

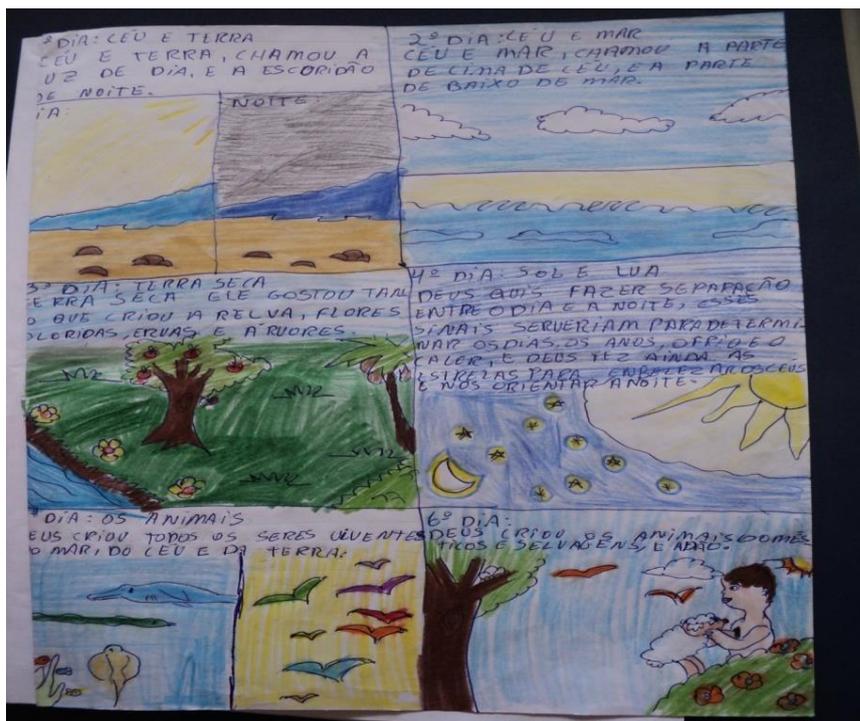


Figura 3: História em quadrinhos produzida por alunos da 5ª série representando a criação do mundo segundo a teoria criacionista. Acervo pessoal do autor.

Consideramos essa atividade importante, haja vista que estimulou a pesquisa e a prática entre os alunos. A pesquisa porque para fazer o desenho os alunos tiveram que ler os dois primeiros capítulos do Gênesis para produzir os desenhos, que foi a parte prática, ou seja, os alunos puderam se expressar a partir dos desenhos em forma de HQ. A atividade se desenvolveu de forma satisfatória porque fugiu da rotina à qual os alunos estavam acostumados, que era copiar a matéria do quadro e responder às questões do livro didático. Até mesmo alunos que se mostravam desinteressados nas aulas tiveram uma participação mais ativa nessa atividade, o que demonstra a sua relevância como estratégia de ensino.

No tema da “Pré-história”, outro assunto abordado são as diversas espécies humanas que antecederam o *Homo sapiens*. No livro *As primeiras civilizações*, Jayme Pinsky resume algumas dessas espécies segundo o atual estágio das pesquisas arqueológicas: *Ramapithecus*, *Australopithecus africanus*, *Australopithecus boisei*, *Homo habilis*, *Homo erectus*, *Homo sapiens neanderthalensis*. (PINSKY, 2012, pp. 20-21). A espécie mais antiga, o *Ramapithecus* teria surgido há cerca de 12 milhões de anos.

Nos livros didáticos, tal assunto aparece de maneira bastante curta, com o resumo das características de cada espécie. Para alunos de 5ª série, muitos ainda com dificuldades de leitura e escrita, torna-se um assunto de difícil compreensão. Desse modo, as HQs se mostram como um recurso didático que pode auxiliar os alunos na compreensão das diversas espécies humanas que antecederam o homem atual de acordo com a teoria evolutiva.

Para explicar a espécie *Homo erectus*, recorreremos à HQ "Piteco em: *Homus erectus*", do personagem Piteco, da *Turma da Mônica*. Além de ser uma história relacionada ao conteúdo trabalhado em sala de aula, essa HQ foi escolhida porque tem como personagem principal um personagem que faz parte de um universo de HQs já conhecido pelos alunos: a *Turma da Mônica*. De acordo com Flávio Calazans, "é importante sempre dar preferência aos hábitos de leitura que já fazem parte do universo dos alunos." (CALAZANS, 2004, p. 13). Mesmo que parte dos alunos não conhecesse o personagem Piteco, os traços de Maurício de Sousa acabaram sendo reconhecido pelos alunos, acostumados a vê-los em histórias de personagens como Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento, etc.

A escolha de "Piteco em: *Homus erectus*" procurou também estimular a leitura entre os alunos. Ao contrário das tirinhas de Carlos Ruas, a história de Piteco é um pouco mais longa. Entretanto, Maurício de Sousa se utiliza bastante do humor nessa HQ, o que a torna uma leitura agradável, estimulando o hábito de leitura pelos alunos. Assim, concordamos com a perspectiva de Vitória Rodrigues e Silva, que observa que "os professores de cada disciplina precisam agregar ao rol de variáveis que orientam seu trabalho mais uma: uma metodologia para o desenvolvimento da linguagem"; já os professores de História, especificamente, precisam estar comprometidos tanto em atingir objetivos que são próprios da sua disciplina, quanto com o "desenvolvimento da leitura e da escrita" (SILVA, 2004, p. 71).

A HQ "Piteco em: *Homus erectus*" trata-se de uma interessante história produzida por Maurício de Sousa destacando duas características do *Homo erectus*: o fato de ser bípede, ou seja, andar com os dois pés, e o fato de ele ter sido responsável pela invenção do fogo.

Na história, Piteco encontra uma tribo que andava engatinhando, ou seja, “de quatro”, utilizando mãos e pés. A tribo caça de Piteco, pois achava uma “aberração” ele andar com dois pés. A situação muda quando Piteco e membros dessa tribo são atacados por um tigre-dente-de-sabre: Piteco consegue fugir mais rápido que todos porque anda com os dois pés. Além disso, Piteco consegue enfrentar o animal utilizando um tacape com as mãos, com as quais briga e derrota o animal. Assim, a tribo começa a perceber as vantagens de andar com os dois pés, como demonstra os quadrinhos abaixo:



Figura 4: “Piteco em: *Homo erectus*” Disponível em:

<<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.461812737171685.111302.435784396441186&type=3>> Acesso em 22 nov. 2013.

O quadrinho ilustra muito bem as vantagens de ser bípede, como ter as duas mãos livres, carregar crianças e pegar as coisas. Jaime Pinsky chama a atenção para o fato de que há cerca de 1 milhão de anos o *Homo erectus* saiu da África para a Ásia e a Europa. Tal mobilidade tem muito a ver com o fato de a espécie ser bípede, e a capacidade de transportar coisas com as mãos:

Se não sabemos – e provavelmente jamais saberemos – o que motivou o êxodo do *Homo erectus*, podemos ao menos conhecer as condições que permitiram sua mobilidade, as quais, segundo Leackey, se resumem na capacidade de transportar. Primeiro, o transporte de alimentos, permitindo um distanciamento cada vez maior em relação ao acampamento-base. Em segundo lugar, o transporte de água, seja em estado natural, seja em frutas como a melancia. (PINSKY, 2012, pp. 23-24).

Nesse sentido, o quadrinho de Piteco serviu como ponto de partida para se entender as vantagens de se andar com os dois pés. Vantagens essas que foram sendo adquiridas ao longo de milhões de anos, o que levou os alunos a

compreender que até uma ação comum que é a de andar com os dois pés tem a sua historicidade.

A HQ "Piteco em: Homus erectus" também ajudou os alunos a compreender uma invenção importante para a humanidade: a invenção do fogo. Após ajudar a tribo a andar com os dois pés, Piteco recebe de presente um pedaço de carne crua, já que a tribo também não conhecia o fogo. A história termina da seguinte maneira:



Figura 5: "Piteco em: Homus erectus" Disponível em:

<<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.461812737171685.111302.435784396441186&type=3>> Acesso em 22 nov. 2013.

Nos quadrinhos acima, Piteco acende o fogo e esquenta a carne. Tal ação também se mostrou uma novidade para a tribo, que não conhecia o fogo. O personagem conclui a história dizendo: "Puxa! Depois da era de dois pés... vamos entrar na era da carne queimada!"

De fato, o fogo foi uma grande inovação trazida pelo *Homo erectus*. Jaime Pinsky aponta que o fogo também foi essencial para a capacidade de transporte do *Homo erectus*, já que era de auxílio "contra os climas temperados e frios", além de representar um "símbolo de poder, de domínio da natureza". (PINSKY, 2012, p. 24).

Buscando auxiliar os alunos a relacionar a história com o conteúdo trabalhado, além de estimular a leitura, elaboramos algumas questões

norteadoras, tais como: Quem são os personagens da história? Quais as características da tribo que Piteco conheceu? Para que Piteco utiliza o tacape que segura na mão? Quais as vantagens de andar com dois pés que são mostradas na última página? O que Piteco fez com a carne que ganhou? Por que as pessoas se surpreenderam com a atitude de Piteco?

Assim, os quadrinhos se mostraram uma forma mais eficaz para os alunos aprenderem as características das espécies que antecederam o homem atual e a importância da invenção do fogo do que a simples leitura de textos escritos.

Considerações finais

O trabalho procurou mostrar alguns caminhos para o trabalho com as histórias em quadrinhos no ensino da “Pré-história”. Procuramos não nos limitarmos a propostas e sugestões sem práticas, tão comuns em artigos acadêmicos, mas também relatarmos algumas experiências no ensino. Acreditamos que ao socializar experiências de ensino estamos contribuindo de melhor maneira para uma discussão das práticas do ensino de História. O artigo não busca ver as histórias em quadrinhos como uma “receita infalível” para a sala de aula, mas sim percebê-los como um dos múltiplos recursos disponíveis aos professores de História. O trabalho tenta ser não um modelo a ser seguido, mas sim um objeto de crítica, para que os professores e alunos que o leiam possam a partir dele procurar outros caminhos para o exercício da docência em História, no caso específico aqui tratado, no tema da “Pré-história”.

Referências

- BITTENCOURT, C. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CALAZANS, F. M. de A. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.
- FUNARI, P. P.; NOELLI, F. S. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

- MEYER, D.; EL-HANI, C. N. *Evolução: o sentido da biologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- PINSKY, J. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PROUS, A. Arqueologia, Pré-História e História. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- RODRIGUES, I. C.; MARINOCI, M. C. A Pré-história do Brasil nos livros de História para 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Anais do VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. Londrina, 2003, p. 2. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/his/arqdoc/aprehistoriadoBrasilnoslivrosdehistoria_PDE2.pdf> Acesso em 22 nov. 2013.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SILVA, V. R. e. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. *História*. São Paulo, 23 (1-2), 2004.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- VERGUEIRO, V. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- VILELA, T. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.
- VILELA, M. T. *A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites*. 322 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

Recebido em 22 de janeiro de 2014.

Aprovado em 07 de agosto de 2014.